

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*VICTORIO BHERING CABRAL — *Consultor*MARCOS SÁ CORRÊA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*ROBERTO POMPEL DE TOLEDO — *Editor Executivo*

O Sétimo Selo

À medida que o fim se aproxima, o governo Sarney se entrega a um triunfalismo injustificável. O alarde em torno de resultados inexistentes é uma forma retardada de paranóia numa administração que perdeu o seu primeiro ano em hesitações pessoais e políticas. O último ano foi reservado à proclamação de um sucesso que ninguém reconhece. A última sessão foi uma terapia coletiva: o presidente não se poupou, no adeus do ministério ontem reunido, os louvores com que se revê no fundo dos insucessos, e os ministros responderam com um coro de louvores recíprocos.

O discurso presidencial teve a sinceridade de quem realmente acredita no que os ministros dizem na intimidade do governo. O aulicismo foi o traço de unidade do governo que apresenta como saldo político as consequências sociais dessa insuportável inflação, que galopou livremente durante o período. O descabido triunfalismo é uma ofensa política aos brasileiros. A reunião solene do ministério, se era indispensável como terapia de grupo, deveria ser secreta e ter proibida a divulgação dos louvores trocados pelos presentes. O ato foi arrebatado com o lançamento de um selo especial com a effigie do presidente Sarney.

O presidente Sarney é habitualmente extensivo e enfático. Não seria diferente na despedida em que proclamou num golpe de esgrima literária: "Estou como se saísse íntegro de uma luta de punhais". A democratização do Brasil, "obra com a pedra e o cal da vontade soberana do povo brasileiro", com a mudança da palavra cal, substantivo feminino, em masculino, fica a perigo gramatical. Mais uma vez o presidente transferiu os insucessos do seu governo para "a crise do Estado agravada", antes de se permitir a referência a "uma obra política notável", de sua autoria, a democracia que é hoje "a terceira do mundo ocidental".

O governo Sarney está para se encerrar sem esclarecer o critério presidencial para a classificação nesse honroso terceiro lugar. Temos, em números, o terceiro eleitorado do Ocidente? Tinhamos

antes quase a mesma população eleitoral, e nem por isso podíamos nos considerar uma democracia. A legitimidade que o voto confere é exclusiva do futuro governo. Este que está de saída não chegou pelo voto direto. Na sequência política de uma eleição indireta, um vice-presidente sucedeu a um presidente que não tomou posse. Do último lugar saltamos para o terceiro na ordem de classificação?

O presidente Sarney cunhou ontem o epitáfio do seu mandato: "A política é a arte do possível, e as minhas circunstâncias, os problemas que encontrei, os meios que me faltaram não me permitiram concretizar muitos projetos". Modéstia: a Norte-Sul avançou até nas verbas do novo governo. Fez pouco, e o pouco que começou não conseguiu se livrar da suspeita que envolve o conceito da Nova República.

A imodéstia também compareceu: ao falar dos avanços da Constituição, afirmou o presidente que lhe coube "o encargo de viabilizá-los". E ainda teve tempo de fazer um agradecimento às Forças Armadas pela ajuda na reconstrução democrática, "com criatividade, inteligência e espírito público".

Sobre a inflação, no entanto, o presidente Sarney perdeu o rumo: "Infelizmente (...) ela ascendeu a índices elevados", mas "não impediu o crescimento", segundo ele, acima da França, da Itália, da Alemanha, da Inglaterra, dos Estados Unidos, sem fazer distinção entre crescimento físico e *per capita*. É a glória que o presidente quer ser o primeiro a reconhecer, enquanto espera a justiça da História — que costuma tardar e muitas vezes nem chega.

Em suma, o presidente Sarney perdeu uma excelente oportunidade de não reunir o ministério e de ficar calado. Político supersticioso, sem nada a dizer, podia discretamente viver o sonho de ser um estadista sul-americano e preparar o livro em que revelará tudo que não foi contado. Em silêncio, não chamaria a atenção geral para as omissões e hesitações que o levaram para tão longe da História.